

AQUI JAZ – O TABU DA MORTE: AS CONCEPÇÕES DOS COVEIROS SOBRE A MORTE

Aryane Leinne Oliveira MATIOLI¹

Andriele Cristina Souza da SILVA²

Pedro Henrique de ARAÚJO²

aryanematioli@fag.edu.br

RESUMO

Este artigo aborda a relação dos profissionais coveiros com a morte e seus rituais, com enfoque em suas concepções sobre o tema. O tabu da morte, presente na sociedade contemporânea ocidental, permeia esta profissão fazendo com que os profissionais que trabalham nessa área tenham seus sentimentos interditados e, dentro deste contexto, os coveiros tornam-se invisíveis socialmente, fazendo-se necessário pesquisas na área que providenciam um local de fala aos profissionais. A realização dessa pesquisa ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com cinco profissionais que atuavam, no momento, como coveiros em casas funerárias privadas de uma cidade do Oeste do Paraná, utilizando a amostragem por acessibilidade. Após a coleta dos dados, os resultados foram analisados usando o método de análise de conteúdo e interpretados por meio do prisma psicanalítico. A partir do método de análise, foram delimitadas seis categorias: morte inconcebível; banalização da morte; horror à decomposição; morte inesperada; cuidado com a família e envolvimento emocional, além da profissão como cargo a ser cumprido. A análise das entrevistas trouxe dados satisfatórios para a investigação a respeito das concepções de morte adotadas por essa categoria de profissionais, com presença de dados que corroboram com a abordagem psicanalítica referente à ausência de uma concepção da morte no inconsciente. Além disso, torna-se evidente, por meio da fala dos profissionais, uma atitude de banalização da morte e de interdição dos próprios sentimentos.

Palavras-chave: Morte; Psicologia; Coveiro; Funerária; Cemitério.

Psicóloga, Orientadora, Mestra em Psicologia, Especialista em Desenvolvimento na Infância e Adolescência, Especialista em Docência no Ensino Superior, Docente curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG.¹

Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.²

Acadêmico do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.³

HERE LIES - THE TABOO OF DEATH: THE CONCEPTIONS OF GRAVEDIGGERS ABOUT DEATH

Aryane Leinne Oliveira MATIOLI¹
Andriele Cristina Souza da SILVA²
Pedro Henrique de ARAÚJO²
aryanematioli@fag.edu.br

ABSTRACT

This article discusses gravediggers' relationship with death and their rituals, focusing on their conceptions about this theme. The taboo of death, present in contemporary western society, permeates this line of work, making professionals who work in this area have their feelings forbidden and, within this context, gravediggers become socially invisible, making researches that provide a place of speech for these professionals necessary. This research was carried out through a semi-structured interview, with five professionals who worked at the time as gravediggers in private funerary homes in a city in western Paraná, using accessibility sampling. After data collection, the results were analyzed using the content analysis' method and interpreted through the psychoanalytic perspective. Based on the analysis method, six categories were defined: inconceivable death; trivialization of death; horror of decomposition; unexpected death; care for the family and emotional involvement, besides the profession as a role to be fulfilled. The analysis of the interviews brought satisfactory data to the investigation regarding the conceptions of death adopted by this category of professionals, with the findings of data that corroborate to the psychoanalytic approach regarding the absence of the conception of death in the unconscious mind. Also, an attitude of trivialization of death and interdiction of one's feelings becomes evident throughout the professionals' speech.

Key words: Death; Psychology; Gravedigger; Funerary; Cemetery.

Psychologist, Supervisor, Master in Psychology, Specialist in Childhood and Adolescence Development, Specialist in Higher Education Teaching, Professor of Psychology at Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG.¹

Academic of the 10th period of the Psychology course at Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.²

Academic of the 10th period of the Psychology course at Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.³

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a concepção de morte, mais especificamente tem como temática as concepções dos coveiros, profissionais que atuam no processo pós-morte, em relação a morte. Este artigo visa a responder quais são as concepções de morte dos profissionais que atuam no processo pós-morte; para isso, tem como objetivo analisar, por meio do método de análise de conteúdo, entrevistas realizadas com coveiros a respeito de suas percepções acerca do tema.

A pesquisa a respeito da morte, dentro da área da psicologia, seja ela em relação ao conceito de morte, aos processos pós-morte ou à morte no geral, se encontra escassa. Talvez, isso se deva ao fato de a morte ser um tema considerado tabu na sociedade contemporânea, na qual recebeu um interdito e se tornou mais velada; e conversar a respeito da morte e da finitude humana é atípico. Posto isso, pesquisar a respeito da morte possibilita desmistificar os tabus relacionados ao tema e explorar, por meio da cientificidade, um tema que, em diversas vezes, é muito relacionado a crenças populares e misticismo (KOVÁCS, 1992).

Os profissionais que atuam no processo pós-morte se encontram relacionados ao tabu que permeia o contexto da morte, e, com isso, profissionais como os coveiros se tornam invisíveis e excluídos socialmente. Sendo assim, se faz importante investigar e entender a respeito do contexto desses profissionais e sua relação com a morte e o morrer (IRAHA, 2017).

Outro fator de relevância para a realização dessa pesquisa é a possibilidade de proporcionar um local de fala a esses profissionais que, muitas vezes, têm seus sentimentos interditados no contexto contemporâneo, devido a uma obrigatoriedade de profissionalismo no momento do ritual fúnebre (KOVÁCS et al., 2014).

Os coveiros estão presentes em um dos momentos mais íntimos da vida, sendo responsáveis por finalizar o ciclo desta, ao realizar o enterro. Logo, a relação dos coveiros com a morte se torna mais frequente do que a de um sujeito comum e justifica a necessidade de investigação da temática presente nesta pesquisa (KOVÁCS et al., 2014).

Dispondo dos objetivos e das justificativas citadas acima, antes de aprofundar a história da morte no Ocidente, faz-se interessante explorá-la pelo prisma da psicanálise. Na psicanálise, Freud explora diversos temas relacionados à psique humana, sendo um deles a morte e a atitude humana diante dela. Para o autor, a morte teve um papel

essencial na origem do senso de moralidade humana e da cultura. Fundamentando parte de sua teoria em Darwin, Freud explica suas ideias a partir do mito da horda primitiva patriarcal, no qual o pai, e chefe da horda, proíbe os filhos de se relacionarem com as mulheres e, desejando mantê-las todas para si, expulsa-os da tribo. Posteriormente, os filhos retornam e cometem o primeiro parricídio, consumindo, em seguida, o corpo do pai e passando a se identificar com ele; os conflitos de ambiguidade entre ódio e amor dão lugar a um sentimento de culpa e aos primórdios da moral (FREUD, 1913).

Um aspecto fundamental proposto pelo autor é o de que o inconsciente humano é incapaz de conceber a própria morte, pois não reconhece nenhuma negação, assim, acreditando, somente, em sua imortalidade. A imortalidade é a reflexão de nossa incapacidade de imaginar a própria morte, ou seja, quando o tema morte surge, nosso inconsciente, automaticamente, nos coloca como figurantes, não como o sujeito que está falecendo ou prestes a falecer. Isso ocorre pelo fato de sermos predispostos a apagar a morte de nossas vidas, seja em nosso âmbito pessoal ou em situações que envolvem outras pessoas, visto que, na presença de um indivíduo fadado à morte, buscamos nos esquivar dela (FREUD, 1915).

Na sociedade moderna, a morte é apresentada, na fala, como natural e impossível de se evitar, porém, as ações realizadas não condizem com a representação dita, demonstrando tendências a silenciar e eliminar a morte. Em relação à morte do outro, segundo o autor, o adulto moderno, ao cogitar a morte de alguém, em pensamento, sente-se maléfico, com exceção, apenas, daqueles que lidam com a morte profissionalmente. Em contrapartida, o homem na pré-história, anterior à sociedade, à cultura e à religião, percebia a morte do outro como justa e não possuía princípios que o impedissem de matar (FREUD, 1915).

A relação do ser humano com a morte possui elo direto com a sociedade e a cultura em que está inserido, recebendo delas as suas variações (KÜBLER-ROSS, 1969/2002). Neste trabalho, devido à localidade do grupo pesquisado, será levado em consideração o contexto da cultura ocidental. Philippe Ariès (1977/2017) dispõe, como ponto de partida dos seus achados, em relação à temática, a Idade Média, e traça o caminho até a década de 70. Após isso, autoras como Elisabeth Kübler-Ross (1969/2002) e Maria Julia Kovács (1992) trouxeram importantes novas contribuições ao tema, com a última delas assumindo as pesquisas e seguindo esse caminho até a contemporaneidade e a atual relação da humanidade com a morte.

Esse percurso da história da humanidade com a morte e o morrer é dividido por Ariès (1977/2017) em quatro etapas, porém, deve-se considerar que as mudanças entre períodos se deram de maneira lenta e progressiva, sem claras divisões, podendo, apenas, ser melhor observadas por meio de uma visão ampla desse trajeto. As etapas serão apresentadas a seguir.

A morte domada compreende a relação com a morte que estava instalada no período de início da Idade Média. O aspecto mais importante dessa relação se dá pela familiaridade com a morte. Segundo Ariès (1977/2017), a morte, nesse contexto, era observada como algo simples, sem qualquer caráter dramático, e o reconhecimento e a aceitação de sua chegada eram comuns. Não há apego à vida e, muito menos, recusa à morte. O moribundo¹ pode se sentir revoltado, mas usa essa revolta para organizar suas últimas pendências. Segundo Kovács (1992), o maior medo dos homens da época era o de morrer sem ter recebido as homenagens fúnebres.

O próximo período, definido pelo autor como “a morte de si mesmo”, deu-se a partir do século XI e lidou com acontecimentos que modificaram a visão de morte da população da época, iniciando um movimento de dramatização e de visão da morte como algo pessoal, se distanciando da antiga concepção coletiva de morte como destino comum (ARIÈS, 1977/2017).

Neste momento, Ariès (1977/2017) apresenta outra mudança importante que teve início nessa etapa, o horror à decomposição e à morte física, observado em diversos poemas dos séculos XV e XVI. A arte que representa o cadáver decomposto se torna simbolismo para o fracasso humano, este relacionado intrinsecamente com o morrer, pois, nesse momento, o homem passa a possuir apego maior à sua vida e ao que possui.

Os restos mortais são escondidos em caixões ou embalsamados para manter a imagem do falecido viva para aqueles que o amam; indubitavelmente, uma maneira de negar a morte do indivíduo (KOVÁCS, 1992). O último dos fenômenos responsáveis pelas mudanças da relação entre os homens e a morte foi a individualização das sepulturas. A partir do século XII, aparecem as inscrições funerárias, inicialmente sendo realizadas apenas em túmulos de santos ou de pessoas de igual nível (ARIÈS, 1977/2017).

A fase anterior é marcada pelo reconhecimento da importância da própria existência; em sua sequência, há a instauração do período denominado como “a morte

¹ Moribundo é a nomenclatura dada a algo ou a alguém que está prestes a morrer ou deixar de existir. Na contemporaneidade, esse termo não é mais utilizado, seu substituto é o termo “pessoa em fim de vida”.

do outro”, que se iniciou a partir do século XVIII, e recebeu esse nome devido ao novo sentido entregue à morte, a qual passa a ser desejada, envolvida de drama e exaltações, porém, a morte romântica não é mais a de si mesmo, mas a morte do outro (ARIÈS, 1977/2017).

Os denominados “assistentes” por Ariès (1977/2017), ou seja, as pessoas que estavam presentes em volta do moribundo nos momentos finais da vida, ganharam, nesse período, presença na cena, apresentando mais emoções, sentimentos e expressando mais dores. Os rituais continuaram a ser seguidos da mesma maneira, e a familiaridade com a morte permaneceu. Porém, as expressões de sentimentos são observadas como espontâneas e pessoais, inspiradas por uma dor pelo outro.

Na segunda metade do século XIX, pode ser observada uma mudança feroz na visão e na relação dos homens com a morte. Esta, que foi tão presente e familiar no passado, tornou-se motivo de vergonha e interdição, aos poucos, desaparecendo. Nos que cercam o moribundo no momento final de vida, podemos observar comportamentos que visam a poupá-lo de sua morte, como lhe esconder seu real estado de saúde (ARIÈS, 1977/2017).

Kovács (1992) aborda, em sua obra, o conceito como “morte invertida” no século XX, afirmando que, nesse período, a morte ideal é aquela que passa sem ser notada, ou seja, não há sinais ou comportamentos que indiquem que alguém faleceu. Na contemporaneidade, a morte desejada é contrária àquela esperada nos tempos antigos, época em que o moribundo não pretendia morrer de forma súbita.

Muitos fogem da morte, principalmente porque a ideia de morrer está atrelada aos conceitos de tristeza, solidão, involuntariedade e crueldade. Morrer, além de solitário, torna-se impessoal e involuntário, pois é retirado do enfermo o seu direito de opinião, além de ser feita sua remoção de seu ambiente costumeiro, e ele, por vezes, acaba esquecido em um leito de hospital (KÜBLER-ROSS, 1969/2002).

A morte, nesse processo, perdeu, aos poucos, seu sentido, e, com isso, as visitas aos cemitérios e túmulos se tornam mais escassas (ARIÈS, 1977/2017). Criou-se, com total força, um interdito em relação à morte, segundo Geoffrey Gorer (1955); a morte ocupa, a partir do século XX, o lugar de tabu que a sexualidade ocupou anteriormente. Este interdito é, assim, responsável pelo aparecimento da necessidade profunda de felicidade excessiva e a evitação de qualquer sentimento de tristeza.

Segundo Ariès (1977/2017), no século XVIII, os enterros que aconteciam na América seguiam processos estabelecidos culturalmente, nos quais o marceneiro era

encarregado do preparo do caixão, a família e os amigos do moribundo lidavam com o transporte, e, por fim, o pastor, o coveiro e o sacristão realizavam o enterro. No século seguinte, nas cidades que se encontravam em crescimento, as atividades de marceneiros, coveiros, donos de carruagem e de cavalo, ou seja, as atividades que lidavam com o processo pós-morte, tornaram-se, finalmente, uma profissão.

Atualmente, a Classificação Brasileira de Ocupações enquadra a profissão de coveiro na categoria de “Trabalhadores auxiliares dos serviços funerários”, de número 5166, também recebendo, como sinônimo, o nome sepultador. Como descrição das atividades realizadas pelo profissional intitulado coveiro, tem-se: auxiliar em serviços funerários, realizar atividades de sepultamento (construir, limpar, preparar, abrir e fechar covas), realizar sepultamento, exumação e cremação de cadáveres. Além disso, os coveiros também trasladam corpos e fragmentos. Outra de suas funções é zelar pela segurança e pela conservação do cemitério, prezando pela preservação de seus materiais e das máquinas de trabalho (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002).

2 MÉTODOS

Essa pesquisa tem natureza básica, pois busca gerar conhecimentos novos que sejam úteis no campo da ciência e que não apresentam necessidade de aplicação prática. Em relação à abordagem do problema, a pesquisa se define como qualitativa, devido ao fato de ter como enfoque o processo e a interpretação dos fenômenos estudados, os quais partem de uma esfera de subjetividade (KAUARK, 2010). Quanto aos objetivos de pesquisa, é classificada como exploratória, por envolver entrevistas com sujeitos que apresentam experiência prática com o assunto estudado, além de apresentar maior flexibilidade no planejamento e consideração mais abrangente dos aspectos que envolvem a temática.

Em questão de procedimentos técnicos, é categorizada como estudo de campo, apresentando maior aprofundamento no assunto proposto, e, por se tratar do estudo de um grupo específico, neste caso, um grupo de trabalho: os coveiros (GIL, 2002). Como método de interpretação dos dados, a pesquisa utiliza-se da técnica da análise de conteúdo, que se conduz pela descrição organizada dos dados e, além disso, possibilita, por meio da interpretação, atingir níveis mais profundos de compreensão do discurso (MORAES, 1999).

Na sequência, serão apresentadas informações a respeito da população investigada na pesquisa, os instrumentos utilizados e os procedimentos selecionados para a coleta dos dados, além de iniciar a explicação a respeito da análise de conteúdo, análise adotada para os dados coletados nesta pesquisa.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO

Nesta pesquisa, foram incluídos cinco profissionais, do sexo masculino, que atuavam, no momento, como coveiros em casas funerárias privadas de uma cidade do Oeste do Paraná e que possuíam disponibilidade para serem entrevistados. Não foram incluídos na pesquisa sujeitos que não possuíam capacidade de comunicação verbal no idioma português - BR.

A amostragem dos participantes se deu por acessibilidade, sendo esta uma modalidade na qual o pesquisador seleciona os participantes conforme eles têm acesso e conforme apresentam desejo de participar, sem o objetivo de possuir teor estatístico (GIL, 2008).

2.2 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Para a realização da pesquisa, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, na qual o entrevistador deve preparar uma série de perguntas previamente, porém, existindo a possibilidade de adicionar questões novas, conforme necessário, para maior esclarecimento do tema. A entrevista semiestruturada, apesar de seu teor científico, apresenta-se em contexto que se assemelha a uma conversa informal, possibilitando maior aprofundamento no assunto retratado (BONI e QUARESMA, 2005).

A entrevista semiestruturada foi realizada com a utilização de material impresso com as questões previamente preparadas, tendo registro em aparelho gravador de áudio. Além dos materiais já citados anteriormente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue em mãos antes do início da entrevista, para imediata assinatura do participante. Nesse termo, apresentavam-se detalhes a respeito da pesquisa, como os objetivos gerais e específicos, o tempo de realização, os possíveis riscos e os possíveis benefícios. Devido à pandemia de Covid-19, também foram disponibilizados, para o entrevistado, máscaras de tecido e álcool em gel.

2.3 PROCEDIMENTOS

Para a execução da pesquisa, devido à pandemia de Covid-19, que ocorre atualmente no ano de 2020, foram realizadas as medidas protetivas necessárias, sendo elas: uso de máscaras, distanciamento de pelo menos dois metros, higienização dos materiais utilizados e ausência de contato físico com o entrevistado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Nos dias e horários previstos para a realização das entrevistas, os entrevistadores foram até o local, realizaram a explicação de como se daria a entrevista, informaram a respeito do registro em gravador de áudio, elucidaram a respeito do sigilo e entregaram o TCLE para leitura e assinatura imediata do entrevistado, em seguida, com a aprovação do participante, se iniciou a entrevista. Foram realizadas cinco perguntas norteadoras para realização da entrevista, porém, no decorrer da fala dos participantes outras perguntas foram realizadas conforme a necessidade. As cinco perguntas pré-definidas foram:

1. Se você precisasse explicar para alguém o que é a morte, como você explicaria?
2. O que te fez ter essa concepção de morte atual?
3. Como é para você lidar com a morte?
4. Como você vê o seu papel nesse contexto de final do ciclo da vida?
5. Como é sua relação com os familiares no contexto da cerimônia de morte?

A entrevista teve registro em aparelho gravador de áudio, dado que é a melhor maneira de assegurar que o conteúdo não se perca (GIL, 2008). O arquivo de áudio, posteriormente, foi utilizado para transcrição e realização da análise dos dados por meio do método de análise de conteúdo. Na sequência, será melhor explorado a respeito desse método de análise escolhido.

2.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa que visa a descrever e interpretar textos e documentos. Quando utilizada de maneira qualitativa, serve de suporte para captar o sentido simbólico e, nem sempre, consciente que se apresenta na fala, sendo assim, o método se aproxima das ideias da psicanálise e permite a utilização dela para a realização das interpretações na análise.

Com base na proposta do autor, tem-se, como organização do método, cinco etapas a serem seguidas. Inicialmente, realizou-se a preparação das informações por meio de uma leitura que verificou que os materiais estavam de acordo com o objetivo da pesquisa. Na segunda etapa, os autores realizaram o processo de unitarização, em que são definidas unidades de análise; neste caso, foi optado por definir cada entrevista como uma unidade de análise (MORAES, 1999).

Em seguida, na terceira etapa, foram realizadas as categorizações, nas quais os autores encontraram seis categorias, as quais serão explicadas no capítulo seguinte. Concluindo a terceira etapa, seguiu-se com a descrição, etapa na qual descrevemos o trajeto percorrido pela análise.

Por fim, foi realizada a interpretação dos dados, visando ao maior aprofundamento nas falas e buscando explorar o conteúdo latente. Sendo assim, utilizou-se, como abordagem de escolha, a visão por meio do prisma psicanalítico. O resultado obtido na pesquisa, as interpretações e a discussão serão apresentados na sequência (MORAES, 1999).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os profissionais coveiros e a discussão que decorreu a partir desses dados. Para certificar o sigilo em relação aos profissionais, foram substituídos os seus nomes por nomes de figuras mitológicas que apresentam relação com a morte em alguma cultura ou representam a sua personificação. A escolha por agregar resultados e discussão em apenas um capítulo partiu do propósito de evitar repetições de ideias, o que ocasionaria em uma leitura mais cansativa, além da quebra no fluxo da análise e das interpretações com base psicanalítica, que apresentam maior necessidade de espaço e fluidez para desenvolvimento e aprofundamento. Seguindo a proposta metodológica descrita acima, após extensa leitura e releitura das transcrições, fizeram-se evidentes aspectos similares entre as falas obtidas, sendo assim, delimitaram-se seis categorias de análise, sendo elas: morte inconcebível; banalização da morte; horror à decomposição; morte inesperada; cuidado com a família e envolvimento emocional, além da profissão como cargo a ser cumprido.

3.1 MORTE INCONCEBÍVEL

Inicia-se pontuando um fator bastante evidente por meio da leitura das entrevistas. Os profissionais, ao serem questionados a respeito de como explicariam a morte a outro, apresentaram dificuldades em descrever suas concepções de morte, realizando falas como a de Hades, que elucida: “[...] eu não sei nem explicar o que é a morte, eu não sei”, outra fala, com semelhante dificuldade ao tentar elaborar uma concepção para a morte, fez-se presente no discurso de Azrael:

Eu vejo a morte (pausa de cinco segundos). Bom, eu vejo a morte assim como... como que eu vou te explicar... não consigo te explicar, você acredita? Por que é uma coisa tão comum pra mim, que eu não tenho uma palavra pra te falar, assim (AZAREL) [grifo nosso].

Freud, ao abordar a temática da morte, propõe o conceito de que o inconsciente humano não é capaz de conceber a própria morte, tendo como razão a incapacidade do inconsciente em reconhecer negações. Sendo assim, o ser humano, quando defrontado com a temática da morte, apresenta a tendência de apagá-la de sua vida, buscando esquivar-se de sua presença no consciente (FREUD, 1915). É possível perceber, por meio das falas dos coveiros entrevistados, que, apesar do contato com a morte por meio da profissão, ela ainda é ignorada, sendo a morte inconcebível e pouco analisada por eles.

Apesar da impossibilidade apresentada pelo inconsciente em conceber a própria morte, é possível observar um esforço consciente dos profissionais em significá-la. Algumas das tentativas de simbolizar a morte adotadas pelos entrevistados se apresentaram possuindo visíveis semelhanças. A primeira dessas significações que ocorre é a de morte como passagem, presente durante o discurso de Caronte:

[...] a gente sabe que, nesse mundo, a gente está aqui como uma passagem, a gente sabe, também, que quem nasce, um dia vai morrer, mais cedo ou mais tarde. Outra coisa que eu acho interessante... nessa passagem aqui, a gente não sabe o dia que termina nossa viagem... (CARONTE).

E também de Hades, que cita:

[...] Não, a gente acha que, eu acho que a morte é... o que que seria... **seria um... uma passagem para outro mundo ali, sei lá, a gente, aqui, está só de passagem**, e a morte é a continuação em outra vida, então mais ou menos isso daí (HADES) [grifo nosso].

Uma segunda forma de significação da morte advém da noção de morte como finalização ou realização de um propósito. Essa visão sobre a morte se apresenta na fala de Caronte que, ao mencionar a respeito de um conhecido que havia falecido recentemente, refere que “ele tinha uma missão pra cumprir aqui na terra” ou, em frases como as de Ankou, que diz: “eu penso assim, que cada um tem seu tempo aqui, e **cada um tem um propósito**, eu acho que quando termina **o propósito da gente**, a gente vai para o outro lado da vida” (ANKOU) [grifo nosso].

Como citado anteriormente, o humano apresenta a tendência de evitar pensar a respeito da morte e, também, de apagá-la da vida cotidiana. Outra característica que irrompe desse movimento inconsciente é a banalização da morte, que será abordada na sequência.

3.2 BANALIZAÇÃO DA MORTE

Em uma de suas obras, Freud (1915) cita sobre como a sociedade moderna, em seus discursos, acaba trazendo a morte como algo natural e impossível de se evitar, porém, o adulto moderno tende a ignorá-la. O autor elucida que a relação com a morte por parte dos profissionais que lidam com ela é diferente dos demais, durante as entrevistas, os profissionais relacionaram essa discrepância ao seu tempo de exercício da profissão.

Nos discursos desses profissionais, há o relato da familiarização que criaram com esse trabalho, nos quais alguns entrevistados referem maior dificuldade no início da carreira devido a diversos fatores de adaptação, mas relatam que, com o passar do tempo, apresentaram mais dessensibilização à rotina de trabalho, citando uma normalização do conteúdo, como na fala de Ankou: “Olha, que nem eu falei no começo, para mim é normal. Para mim é bem normal. Mas muita gente passou aqui, não se acostumou e acabou saindo. [...] eu tive que me acostumar [...]” (ANKOU).

Há semelhança no discurso de Hades, que cita, ainda, sobre a naturalização do trabalho exercido:

Ali, para nós, ali de trabalhar, para nós, se tornou algo normal, né... Então a gente trabalha, que nem, eu trabalho tendo arrumando o corpo lá em cima, quanto desenterrando e arrumando espaço, enterrando de novo... **então, para nós, é o normal da rotina, encaro com naturalidade** (HADES) [grifo nosso].

Apesar dos entrevistados citarem terem se acostumado com a morte e com a rotina do trabalho, algumas questões ainda se apresentam como causadoras de medo e angústia, sendo a principal delas o horror em relação ao corpo em decomposição. Na sequência, explora-se melhor esse sentimento.

3.3 O HORROR À DECOMPOSIÇÃO

Ariès (1977/2017), ao escrever a respeito do desenvolvimento da morte no Ocidente, aborda um período que denomina de morte de si mesmo. Um dos fatores relacionados a essa etapa é o início de um movimento humano de horror ao corpo em decomposição e à morte física, muito presente em poemas do século XV e na arte que apresenta cadáveres decompostos, relacionando esse símbolo ao fracasso humano, temido na época, pois foi a partir desse período que o homem iniciou um movimento de maior apreço pela vida.

É observável que, apesar do discurso de indiferença em relação ao trabalho e da banalização da morte, na maior parte da fala apresentada pelos coveiros, o corpo em decomposição ainda é apresentado como causador de angústia. Em certo momento da entrevista com Azrael, lhe foi requisitado que elaborasse a respeito do medo, citado por ele, no início da carreira, que o profissional explicou da seguinte forma:

[...] medo do corpo, de mexer no corpo, de tocar no corpo. Isso foi, pra mim, no começo, uma coisa que me marcou muito. Então... hoje eu superei, hoje eu não... não existe mais, assim... Eu tinha aquela esper-, **eu tinha aquela, na minha cabeça, que essa pessoa ia levantar, essa pessoa ia acordar. Então, eu, sempre, quando ia mexer, sempre com medo, nunca virei as costas, sempre olhando de frente,** mas é uma coisa minha, assim, que hoje eu superei. Então... (AZRAEL) [grifo nosso].

Em outras entrevistas, o horror à decomposição não aparece como sentimento de medo, mas como nojo ao corpo e aos restos mortais, como na entrevista de Hades:

É a parte de desenterrar, tem vez que você abre o caixão, assim, **não tá só, só, o corpo cria umidade, então, você vai abrir, você encontra... tem barata, aquele caixão tá meio molhado, meio úmido. Tem vezes que a luva sai toda suja de gordura, coisas assim. Então, nesses casos, assim, é meio complicado, né, então, mas tem, tem que nem desenterra depois de quatro anos. Depois de quatro anos, tem um que você pega e tá só os ossos, e os outros, com a umidade da gaveta, tudo, não deixa respiro embaixo, nem nada, acaba umedecendo, fica meio nojento ali, com a gordura ali, com tudo que fica ali. Então, tem gente que acaba, antes de falecer, tomando mais remédio, mais coisas assim, fala que conserva um pouco mais o corpo, então, por isso, não se decompõe tão rápido, então, tem todo esse trabalho, essa parte nojenta do serviço também (HADES) [grifo nosso].**

Na entrevista com Caronte, ele apresenta uma maneira encontrada pela sociedade para lidar com esse horror ao corpo e à decomposição, por meio de uma técnica que visa a mascarar e esconder a morte. Ariès (1977/2017) menciona que o movimento de evitar a morte é um fator evidente da etapa de interdição da morte, que ocorreu na sociedade ocidental a partir segunda metade do século XIX.

[...] **Antigamente, não tinha, era normal, antigamente, ir em um velório, o corpo vazava sangue pelo nariz, pela boca, ou, até mesmo, cheiro e tudo. Hoje, um corpo preparado não tem mais isso, hoje, a gente tem uma técnica, por exemplo, de preparar um corpo, de ficar 2, 3 dias ali e esperar um parente, ou mandar pra fora do Brasil, ou outro país, e essa técnica pra poder preparar um corpo, ele fica intacto, sem problema de odor e nada... é... é... essa é uma parte que evoluiu bastante, assim, no nosso setor de funerária... (CARONTE) [grifo nosso].**

Durante as entrevistas, tornou-se evidente que, para os profissionais, algumas mortes eram mais difíceis de manejar, mascarar ou lidar. O próximo tópico abordará a respeito das mortes que ocorrem de maneira inesperada e não possuem um período de elaboração.

3.4 MORTE INESPERADA

Denomina-se, aqui, como mortes inesperadas, as mortes que ocorreram devido a fatores como acidentes, novas doenças ou, também, que ocorrem de maneira abrupta em momentos incomuns da vida, como na infância. Este último tipo de morte foi citado em mais de uma entrevista como um dos atendimentos que os profissionais não gostam de realizar. Na entrevista com Caronte, ele apresenta a seguinte fala: **“é... um exemplo que... criança, por exemplo, é uma morte que a gente não gostaria de atender”**

(CARONTE) [grifo nosso]. O profissional, explica, na sequência, essa reação da seguinte forma:

O ciclo da vida é o que os filhos irem, um dia, sepultarem os próprios pais, porque os pais vão chegar numa certa idade e a certa idade vai levar, vai chegar num tempo em que você vai ter que enterrar teu pai ou tua mãe. Agora, quando a coisa acontece ao inverso, que um pai tem que sepultar o filho, a gente vê o quanto é difícil um pai sepultar o filho, **então, a gente desenvolve muito nesse lado, pra nós, é muito difícil a gente atender uma criança**. A gente sabe, quem tem filhos... a gente sabe o quanto custou pra ter esses filhos, a gente sabe qual é o investimento de hoje que é colocar o filho numa comunidade (CARONTE) [grifo nosso].

Um discurso semelhante se apresenta na fala de Azrael, que refere que **“criança é uma situação que, hoje mesmo, se falecer uma criança aqui, novinho, eu não arrumo mais”** (AZRAEL) [grifo nosso]. E, quando questionado a respeito, explica que **“é um anjinho, né?”**, relatando, na sequência, a respeito de um evento com esse contexto que o causou grande sofrimento.

O sofrimento observado pelos profissionais e pela família também ocorre em outras situações imprevistas. Durante a entrevista de Hades, ele cita a respeito das mortes por acidente e a respeito do Covid-19, que também foi citado durante a entrevista de Caronte, quando ele relata a respeito da perda recente de um amigo.

Não, não, não, é, cerimônias assim, todas **elas são difíceis pela a pessoa, não morte assim, não morre por morte natural, assim, né. Quando é um...um afogamento, um acidente, quando é coisas assim, que ninguém tá preparado, até o Covid. Então, que nem agora, essa semana, teve dois, assim... que pega, assim, a família de surpresa. Você vê que as pessoas não tão preparadas pra isso daí, né, elas tão bem abaladas, então, esses fatos, assim, que quando é de surpresa que a família já fica mais, um pouco mais, né... mais...** (HADES) [grifo nosso].

Segundo Kovács (1992), no início da Idade Média, durante o período denominado como “morte domada”, o maior medo dos homens era o de morrer de maneira inesperada, sem possuir a possibilidade de realizar o ritual fúnebre e as homenagens, ato que, na época, era arranjado pelo próprio moribundo e visava à absolvição dos pecados antes da morte (KOVÁCS, 1992; ARIÈS, 1977/2017). Talvez, o medo de morrer sem as devidas preparações e absolvições tenha sido carregado até a modernidade e, ainda hoje, não se observa capacidade de lidar com a morte quando esta não permite um tempo de elaboração.

O lidar com a morte pode ser visto como a tarefa principal dos coveiros, porém, alguns deles discordam dessa afirmação, citando que a principal e mais essencial parte do trabalho se dá no atendimento e na relação com os que estão lidando com a morte, a família. Vejamos a respeito disso na sequência.

3.5 CUIDADO COM A FAMÍLIA E O ENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Como citado anteriormente, a família é vista como parte essencial no trabalho realizado por estes profissionais; talvez, isso se deva ao fato de suas atribuições não serem apenas de coveiros, mas se estenderam também aos trabalhos realizados na funerária de maneira geral.

Entre nós e a família, é, é o principal. 100% é família, porque, no momento, a gente tem que dar atenção para eles, porque o corpo tá ali, vai ser arrumado, vai ser colocado na capela mortuária e vai ocorrer o velório, mas a gente dá uma atenção muito boa para eles. Desde buscar fora, desde documentação, tudo, o que precisar a gente tá aqui para ajudar eles, então eu... eu.... eu cobro dos meus funcionários atenção à família. Chegou alguém aqui, faleceu, traz eles pra dentro, conversa com eles, acalma eles, dá uma água, eles sentam, esperam, depois... não vai fazer nada correndo, para fazer, sair atropelando tudo, eles pensam o que eles querem fazer, aí a gente começa a agir (AZRAEL) [grifo nosso].

Um dos aspectos que se apresentou em mais de uma das entrevistas foi o de prover conforto à família, presente em frases como: **“para lidar com a família, a gente tenta confortar ela”** (AITA) [grifo nosso].

Então, ali, a gente trata de falar o menos possível, de **tentar se dar o máximo de conforto, conforto para família na hora, tanto na hora do falecimento, como quanto quando vai desenterrar alguém, sabe, a gente tá mexendo com sentimento da pessoa, né, e a gente trata de tratar melhor possível, com calma, cautela e tratar bem.** A gente sabe que, muitas vezes, é só o osso que tem ali dentro, mas, para família, é sentimento, é um pai, um irmão, um filho, então, a gente toma bastante cuidado nessas partes (HADES) [grifo nosso].

A comoção em relação à morte do outro não é uma característica humanamente intrínseca, segundo Freud (1915); o homem da pré-história observava a morte do outro como uma morte justa. Foi apenas a partir do século XVIII que a morte do outro ganhou o significado que perdura na modernidade, envolto de sentimentos de exaltação e sofrimento (ARIEËS, 1977/2017).

Contudo, não é apenas a família que passa a sentir as dores da morte do outro a partir desse momento, os assistentes que acompanhavam o moribundo no momento do ritual fúnebre também passam a apresentar mais emoções e sentimentos de pesar (ARIÈS, 1977/2017). Observa-se que, apesar de acostumados com a rotina do trabalho e com a presença da morte, os coveiros entrevistados mantêm a vulnerabilidade, a tristeza e as emoções que esse momento oferece.

Na entrevista de Caronte, surge a seguinte fala: **“Além de ser um trabalho profissional, é um trabalho que ele é muito emotivo, a gente acaba se envolvendo com o problema da própria família”**. E o entrevistado Azrael, ao ser questionado a respeito do momento em que estava com a família, relata: **“para mim, era meio que chocante, sabe? Eu não... eu não tinha aquele costume de conviver com pessoas chorando, me abalava um pouco, o sentimento meu também (inaudível), tinha bastante emoção”** (AZRAEL) [grifo nosso].

O entrevistado Aita mantém um comportamento, ainda, de maior distanciamento no momento do enterro junto à família, “eu fico mais de longe”, ele diz, e, quando questionado a respeito do motivo, explica que “porque eu não gosto de ver ninguém sofrendo, sabe. **Sofrimentos dos outros parece que é a gente, entendeu?** Mas não... não fico lá, não” (AITA) [grifo nosso]. E em outro momento da entrevista, apresenta a seguinte fala: **“[...] eu lido lá no cemitério, lá é a única coisa que eu te falei, é... (pausa) dá uma tristeza na gente**, mas, fazer o que, alguém tem que fazer né” (AITA) [grifo nosso].

Esse distanciamento referido pelo profissional, de se afastar para não sentir e, também, para não demonstrar seus sentimentos próximo à família, é uma característica comum à etapa denominada como morte interdita por Ariès (1977/2017). Segundo Geoffrey Gorer (1955), a partir do século XX, a morte ocupa um lugar de tabu, sendo, a partir desse momento, evitados os sentimentos relacionados à tristeza, assim como faz Aita.

Tendo em vista que o trabalho do coveiro é um trabalho que implica diretamente no contato com um sentimento de tristeza e de dor, além de uma rotina de maior proximidade da morte, resta seguir buscando entender o que levou esses profissionais a assumirem esse papel na sociedade.

3.6 PROFISSÃO COMO CARGO A SER CUMPRIDO

A maneira pela qual os seres humanos entendem e se relacionam com a morte, além dos rituais que são realizados em torno dela, apresentam como base, em parte, a cultura e a sociedade nas quais os sujeitos estão inseridos (KÜBLER-ROSS, 1969/2002). Observando o contexto desses profissionais e abordando o ambiente onde se desenvolveram de maneira mais estreita, não englobando, nesse momento, a cultura como um todo, torna-se evidente a presença da profissão como advinda de um contexto familiar.

[...] a minha família se criou dentro da funerária, meu filho, hoje, que tá na marmoraria, com 10 anos de idade, ele ia numa sala de preparação e ajudava a colocar as flores, aquela ornamentação que a gente faz dentro do caixão, com 10 anos, então, a minha família nasceu dentro de uma funerária (CARONTE) [grifo nosso].

Esse contexto também se apresenta na fala de Azrael, contudo, em seu discurso, um novo elemento é adicionado:

Então, mexer com a morte, porque foi uma coisa de família, né. Eu trabalho, meu pai trabalhou, amigos meus trabalhou, então, é tudo mais por família, quem colocou eu nessa vida foi meu pai, então, eu acho que é mais, assim, profissional, meu pai ensinou desde pequeno, então, é uma coisa que não tem nada que veio agravar para mim mexer com isso, e outra, no momento, foi aquela única opção que eu tinha. Eu não tinha outra opção, a opção minha desde dos meus 11 anos era mexer com isso aqui, quando não era desenterrar corpo no cemitério, era lavar corpo na funerária. Então, foi criando, foi crescendo, foi fazendo e, hoje, a minha vida inteira é só mexer com morte. Mexo com morte desde os meus 11 anos (AZRAEL) [grifo nosso].

O profissional, durante sua fala, apresenta a profissão de coveiro como sua única opção possível, além de transmiti-la como um encargo passado de geração a geração até chegar a sua vez de assumir tal papel. Esse tipo de visão a respeito da profissão, como um dever a ser cumprido, também é aparente nas demais entrevistas de maneira breve, como na fala de Aita, que diz: **“mas, fazer o que, alguém tem que fazer né”** (AITA) [grifo nosso]. E, por vezes, com maior detalhes: **“só que algo de normal, tem que ter né. É um serviço meio ruim, talvez, na hora de fazer, mas tem que ter alguém para fazer”** (HADES) [grifo nosso].

Apesar do peso presente em carregar o papel de realizar uma atividade que alguém “tem que fazer”, os profissionais, ao relatarem sobre a profissão, não deixam de demonstrar orgulho e satisfação pela função que cumprem. Quando questionado a Azrael como ele observa seu papel no contexto de final do ciclo da vida, responde que: **“Muito bom, muito principal, muito... ó... a... a minha profissão é uma das que eu tenho muito orgulho** de chegar e tentar ajudar a família, de desenrolar uma situação que tem que liberar e tem que enterrar” (AZRAEL) [grifo nosso].

Na mesma questão, Ankou apresenta resposta similar, com a seguinte fala: **“Olha, eu acho que é um papel que, que é muito essencial** porque todo mundo vai passar por isso, não tem alguém que não vai passar, todos vai ter que chegar a hora que vai procurar nosso serviço” (ANKOU) [grifo nosso].

Considerando tais colocações, faz-se evidente que o profissional, apesar de ser afetado pelas implicações a que a profissão lhe acomete, sendo interditados seus sentimentos e suas dores por meio de uma banalização da morte, que tem início, muitas vezes, na infância, por meio de um processo de se acostumar com esse cargo que lhe foi entregue, ainda é capaz de simbolizar a função que exerce de forma positiva, apresentando-se como um trabalhador essencial e percebendo a importante tarefa que exerce no ciclo de final de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referido no início deste artigo, esta pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de profissionais que atuam no processo pós-morte (coveiros) em relação a morte. Além disso, para realização de tal objetivo, visou-se a caracterizar a prática da profissão de coveiro, discorrer a respeito do desenvolvimento da história da morte no Ocidente, e, por fim, por meio de entrevistas com profissionais da área, analisar o conteúdo do discurso dos coveiros para identificar suas concepções de morte e compreender a relação do profissional com a família que precisa realizar a cerimônia fúnebre.

As cinco entrevistas realizadas com os profissionais que exercem a função de coveiro trouxeram dados satisfatórios para a investigação a respeito das concepções de morte adotadas por essa categoria de profissionais. Durante a análise, tornou-se evidente a ausência de uma concepção consciente de morte, estando isso de acordo com a teoria

psicanalítica, que propõe que o inconsciente humano é incapaz de conceber a própria morte, não reconhecendo negações (FREUD, 1915). Contudo, foi observado, também, o esforço dos profissionais em encontrar um sentido para a morte, o qual foi pautado na profissão e exposto, em sua maioria, como a morte sendo uma passagem ou realização de um propósito de vida.

O cuidado com a família, durante o discurso dos profissionais, foi apresentado como ponto essencial da rotina da profissão, com ênfase na atitude de proporcionar conforto. Os coveiros referem envolverem-se nas questões familiares, compartilhando do sofrimento e da dor presentes nesse momento. Apesar disso, é explícito, também, que os profissionais encontraram, na banalização da morte, uma maneira de lidar com ela e, ainda, a interdição da morte, atitude que, segundo Ariès (1977/2017), apresenta-se na sociedade ocidental a partir do século XIX, aparecendo nesses profissionais como um distanciamento do que lhes causa pesar e uma atitude de evitação dos sentimentos ruins, o que se assemelha à teoria proposta por Gorer (1955), ao expor a respeito do tabu da morte.

Considera-se que esta pesquisa, por meio de seus achados, possibilitou a exposição do discurso de profissionais que possuem seus sentimentos reprimidos devido às características de suas profissões e, também, da interdição da morte na sociedade moderna, em que ela é percebida como um tabu. Sendo assim, pondera-se a possibilidade de que esta pesquisa motive caminhos para novas investigações a respeito do tema das concepções de morte em outros campos profissionais e, também, dê espaço para novas oportunidades de dar uma plataforma para o discurso dos profissionais coveiros.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. (1977). **A história da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. (2005). **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais**. Em Tese, 2(1), 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 02 mai.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus: Sobre a doença - Como se proteger**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

FREUD, S. (1913). **Totem e tabu**. In Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad, vol. XIII, pp. 21-162). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006.

FREUD, S. (1915). **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. SOUZA, P. C., Trad. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6ª ed., 2008.

GORER, G. **The pornography of death**. Encounter, 5(4), 49-52. 1955. Disponível em: <<https://www.romolocapuano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

IRAHA, I. S., et al. **Sentidos do trabalho dos coveiros: um estudo exploratório**. Dossiê - Contribuições da Psicologia para os serviços de Saúde. Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. v. 2 n. 4. 2017.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. **Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v.34, n.4, p.940-954, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KÜBLER-ROSS, E. (1969). **Sobre a morte e o morrer**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.